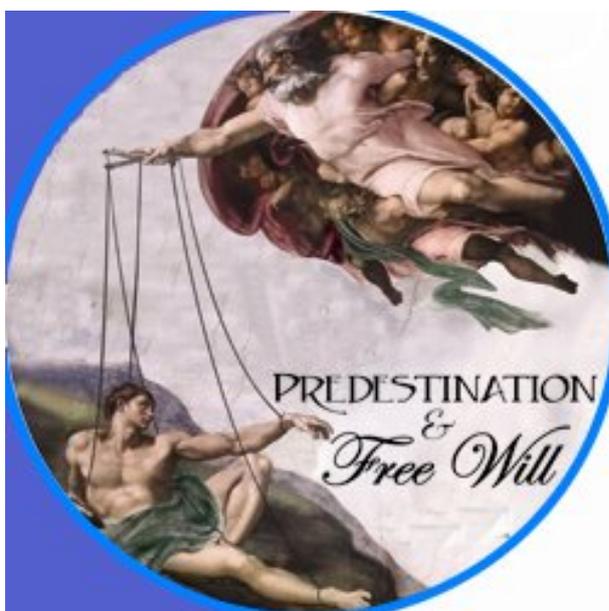


Uma (quase) eterna questão: Determinismo ou Livre Arbitrio?

Clélia Romano, DMA

copyright 2014



Essa questão tem torturado a mente dos pensadores e sem duvida, para o astrólogo, é uma questão primordial, visto que a astrologia pesquisa a interação dos astros para saber do destino humano.

Com o ressurgimento da astrologia moderna no início do século passado vários conceitos sobre a questão foram levantados e um deles postulava que a astrologia antiga baseava-se em um destino imutável sem levar em conta o livre arbítrio.

A astrologia foi redescoberta, com consideráveis diferenças do que era praticado até o século XVII tornando-se mais uma astrologia psicológica do que preditiva, no tempo em que Freud desenvolveu a teoria psicanalítica, dividindo as instancias psíquicas em consciente e inconsciente. A seguir ele falou em Ego, Id e Superego, deixando bem claro que pequena parte da mente era consciente e que, segundo suas palavras, o Ego era um pobre sujeito, tendo que administrar e intermediar conflitos, a maior parte dele de natureza inconsciente, ou porque viessem do Id, os instintos e os impulsos reprimidos, ou por imposições do Superego, a instancia moral criada em sua grande parte por influências inconscientes. Desta forma o Ego teria que administrar o que não conhecia à realidade.

Sua teoria despertou inicialmente grande rejeição, especialmente no tocante à sexualidade, à qual deu valor excessivo para a moral de seu tempo. Mas também foi um golpe ao racionalismo, pois limitava a razão e a consciência à ponta de um iceberg, sendo que a maior parte da psique era submersa. Ora, tal teoria limitava bastante a liberdade humana, pois o próprio homem não teria acesso a parte de si mesmo, quanto mais a manejar o que não conhecia! A psicanálise passou a ser a forma ideal do sujeito ganhar consciência e com isso aumentar seu livre arbítrio.

Seu discípulo Carl Gustav Jung, muito mais voltado ao espiritualismo e à filosofia, discordou do mestre e a amizade entre eles foi rompida. Jung procurou o que havia de comum no inconsciente humano e suas pesquisas revelaram que o inconsciente tinha certos padrões arquetípicos e que os mitos tinham grande importância na formação da psique. Jung acreditou em um lado humano místico que desempenhava papel importante na mente.

Isso era tudo que a nova astrologia precisava e atualmente muitos astrólogos permanecem na fronteira entre o aconselhamento psicológico à maneira junguiana e a astrologia. A previsão deixou de ter importância pois o livre arbítrio e o individualismo, a maneira própria de cada personalidade existir possibilita "lidar" com aspectos astrológicos ai invés de se sujeitar a eles.

Os dois mestres tinham razão, mas cada um se portou como os cegos da história asiática: cada um via partes diversas do elefante e não o animal inteiro.



Esta discussão transporta-me à minha própria juventude e aos idos de 1960. Espero que não se importem com essa digressão. Ainda muito jovem, cursando o colegial, recordo-me de ter participado de um debate formal sobre o assunto "determinismo versus livre arbítrio". Escolhi fazer parte do grupo que defendia o determinismo, o que era considerado uma espécie de heresia. Os professores olharam-me com ar sisudo, o mesmo que me acostumei a ver quando abracei a psicanálise, e depois que todos a abraçaram, novamente, e ela era a palavra da vez, a abandonei, seguindo o caminho da astrologia e do hermetismo. As mentalidades mudam, mas continuo a mesma e vou em busca do que me serve e não do que é moda.

Mesmo que naquela época adolescente eu conhecia de Freud só o que ouvira dizer e lera por curiosidade, mas defendi o determinismo porque sentia que as coisas eram ordenadas e que Freud era a palavra máxima apontando naquela direção.

Embora tenha defendido minha tese com paixão, os professores deram ganho de causa ao grupo que defendia o livre arbítrio, simplesmente porque era o óbvio e correto enquanto o determinismo era coisa do homem das cavernas.

Hoje, cinquenta anos decorridos, o assunto deixou de ser algo para se debater, em meu ponto de vista. Simplesmente nestas águas profundas da existência não temos certeza de nada, e nos deixamos levar por nossa própria carta astrológica e pela sabedoria pessoal ao escolher uma vertente ou a outra. Isto é, não somos a favor ou contra por escolha própria, porque simplesmente não sabemos que o tempo passado e futuro não existe a não ser em nossa mente presente.

O determinismo se apoia em uma visão aparente de que cada um veio com seu destino traçado antes. Ora, o que é o "antes" se ele não tem existência em si mesmo porque já passou? Hieráclito não dizia que nunca nos banhamos nas águas do mesmo rio?

O futuro, por sua vez, é algo que se espera, uma tensão contida do que poderá ou não acontecer. Como podemos modificar o que não possuímos?

Faz-se necessário perguntar em que se baseia a astrologia preditiva e a única resposta possível é que ela se baseia na carta natal. Ali está contido o passado ou futuro, mas não sabemos distinguir o que é um ou outro. Os planetas nas casas dão sinais da estrutura do pai, dos filhos, das finanças, das honras e adversidades, dos irmãos, da saúde, etc. mas para pontua-los no tempo desenvolvemos técnicas baseadas em nossos processos mentais temporais. As Direções vieram de nossa mente humana na tentativa de cronologia para uma realidade tão complexa.

A astrologia ocidental que emergiu modernamente é inimiga de qualquer determinismo e crença no destino, atribuindo aos antigos grande apego a ele. O determinismo no qual se baseia a predição de eventos parte da realidade da carta natal. A semente de laranja se vier a criar raízes e se transformar em árvore, será uma laranjeira, forte e frutífera ou nem tanto, mas ela é determinada a produzir, se for capaz, laranjas e somente laranjas.

A astrologia clássica descreve as características psicológicas do indivíduo, mas não se atem a esse estudo só no que diz respeito às condições do Ascendente, da Lua e Mercúrio. Esses planetas tem outras serventias, outras regências, fazem aspetos com outros planetas e assim a teia de vida da pessoa se desenrola, mais e mais conforme tomamos outros planetas em consideração.

De tanta querela entre os filósofos, busquei no início da filosofia ocidental e na astrologia que emergiu entre o povo de língua grega, baseada na filosofia neoplatônica e estoica, algumas considerações.

O que se entende desse primórdio é que a semente primordial é lançada e este é o destino de qualquer coisa, ou em grego *hermamene*, *o principio organizador*. Sobre tal semente incidem as leis da **necessidade**, isto é, as leis da física, que são inescapáveis na terra. E sobre esse conjunto, incide a ordenação que fornece temporalidade aos fenômenos. O interessante nisso tudo é a existência de *Tuchè*, a Fortuna, que fornece a experiência de

acaso. Por exemplo, contra toda as probabilidades, você não toma aquele avião que vai explodir no ar, ou tem sorte na loteria, onde milhões perdem dinheiro. Em um cenário mais humilde, você vai à cidade comprar pão e encontra um devedor que lhe paga. Um dia afortunado!

Claro que *Tuchè* pode funcionar como azar: contra todas as probabilidades o cavalo que você apostou perde para um pangaré ou você é o candidato mais capaz, mas outro é escolhido para um ambicionado lugar. Mas resta saber até que ponto é o acaso, pois há pessoas que ganham vezes demais para que tal fato seja atribuído a fatores aleatórios, e há outras que sempre perdem.

Valens pensa que tais Fortunas são ilusórias e passageiras e que a natividade ao final seguirá seu curso, baseado na carta radical, nas leis físicas e na ordenação(direções) sobre esta primeira carta. Eu mesma tenho alguns exemplos de pessoas que nasceram desafortunadas, com cartas mostrando grandes aflições e que se elevaram por *Tuchè* por muitos anos a elevados postos, para depois decaírem em consequência por vezes da própria Fortuna que as expôs a riscos apontados na carta natal.

No *Timeu*, a obra famosa de Platão, é dito que quando o demiurgo veio criar a terra e tudo que nela existe à semelhança do cosmos, os elementos interferiram e sua ordem não ficou perfeita. Então, é possível que o acaso ou *Tuchè* entre na ordenação cósmica como algo que deu errado.

Mas também é possível que o ser humano precise acreditar na boa sorte e ter esperança em seu poder e em sua vontade para ultrapassar o pior cenário da vida humana: a geração e a corrupção, o destino inexorável da existência que nos angustia: nascemos, crescemos e morremos. Que poder temos sobre isso, a não ser através da interferência das leis físicas que muito fizeram pelo bem da humanidade e também contra ela? Prolongam-na, não sei até que ponto de maneira feliz, uma vida que por vezes já não traz nenhum sentido. Refiro-me a exageros: pessoas que vivem demais a ponto de ver a terceira passagem se Saturno e assim repetirem na extrema velhice o que já estava na carta de nascimento, isto é a dependência física, a limitação, o desprezo dos parentes ou, ao contrário, se a carta de nascimento apontar nessa direção, possuírem quatro ou cinco cuidadores e viverem como bebês. As guerras matam bilhões e colocam em condição de extinção a humanidade: essas são leis da necessidade, o que física fez por nós. A questão é se podemos usa-la corretamente.

Vettius Valens, no Livro 5, fala sobre o destino e sobre as coisas que o modificam aparentemente, para que depois ele siga seu curso. Ou sobre direções que o atenuam e postergam, mas dentro de uma ordenação capaz de ser descrita. As direções são a maneira que o astrólogo usa para colocar temporalidade na carta.

Cito agora um parágrafo retirado do Livro V da Antologia, que traduzi para o português, a partir da tradução da mesma obra por Mark Riley.

"É necessário inspecionar os cronocratas passados, o atual e os futuros para determinar se eles estão passando de propícios para impropícios, ou de lugares maléficis para benéficos. Digo isso porque muitas vezes uma natividade experimenta um período sujeito à lei da ansiedade e é condenado por causa do cronocracia de maléficis. Mais tarde, porém, quando os benéficos assumirem e quando a cronocracia global indicar a natividade é segura, a natividade experimenta uma restauração de classificação e de subsistência através de algumas defesas e com base em avanços, maior fortuna. Mas sempre que a natividade é transportada para um período global inferior, e os cronocratas estão de acordo, então várias disputas, acusações, julgamentos, perdas e ódios são preparados com antecedência até que a natividade atenda à crise que está destinada a acontecer. Da mesma forma, se uma cronocracia boa ocorre na sequência, então amizades, associações e vínculos com os grandes, mordomias, legados, e presentes estão preparados. Como resultado, aqueles que eram humildes e fracos em seu período de crise são tratados como nobres, sensíveis e encantadores por causa de boa sorte. Por outro lado, aqueles que são totalmente corajosos e bem educados (pelo menos, de acordo com a base da natividade desde o início) estão condenados e são considerados grosseiros, covardes, e ineficazes, e eles são oprimidos por seus inferiores.

Esses homens vivem a sua humilhação nobre e cedem às leis do Destino. No caso de governar natividade, descobrimos que quando os cronocratas estão fazendo a transição em sucessão com os outros, mesmo que a época do domínio ainda não foi alcançada, alguns homens alcançam classificação notável e rentável, outros ficam em oposta e arruinada condição. Como resultado, para alguns homens coisas ruins se tornam boas uma fonte de segurança; para outros um bem aparente mais tarde torna-se uma causa do mal.

*O destino decretado para cada pessoa o trabalho imutável de eventos, reforça este decreto com muitas oportunidades de boas ou más consequências. **Através do uso destas oportunidades**, duas autogeradas deusas, Esperança e Fortuna, **as assistentes do destino**, tomam controle da vida humana e tornam possível para ele suportar os decretos de Destino usando sua compulsão e decepção. Uma das duas (Fortuna) manifesta-se a todos através do resultado previsto, provando ser boa e gentil em certo tempo, em outro momento escura e sombria. Fortuna levanta alguns ao alto apenas para lançá-los para baixo, e degrada os outros só para leva-los para a glória. A segunda das duas (Esperança) não é nem escura e nem brilhante; ela se move em todos os lugares disfarçada e em segredo, sorrindo a todo mundo como um adulator, e ela apresenta muitas perspectivas atraentes que não podem ser alcançadas. Ela controla os homens enganando-os: estes homens, apesar de terem sido injustiçados e foram escravizados aos seus desejos, ainda são atraídos para ela de novo, e cheios de esperança, acreditam que os seus desejos serão realizados. Eles acreditam nela, só para atingir o que não esperam. Se a esperança já não oferece perspectivas sólidas para alguém, ela imediatamente o abandona e vai para os outros. Ela parece estar perto de todos, mas não fica com ninguém.*

Como resultado, aqueles ignorantes da arte do prognóstico ou aqueles que não estão dispostos a praticá-la a fundo, são levados e escravizados a esses deuses mencionados anteriormente. Eles suportam todos os golpes e sofrem o castigo, juntamente com os seus prazeres. Para alguns que parcialmente atingem o que eles esperam, a confiança começa a aumentar, e eles esperam um resultado favorável de forma permanente, não percebendo o quão precária e escorregadia é a Fortuna. Outros ficam desapontados em suas expectativas não apenas uma vez, mas sempre; eles, em seguida, entregam-se de corpo e alma às suas paixões e vivem envergonhados e humilhados ou eles simplesmente esperam, vivendo como escravos para as inconstantes Fortuna e Esperança decepcionante, e são totalmente incapazes de alcançar qualquer coisa.

Mas aqueles que se treinados na arte prognóstica e na verdade mantem suas mentes livres da escravidão; eles desprezam a Fortuna, não persistem na Esperança, não temem a morte, e vivem sem serem perturbados. Eles treinaram suas almas para estarem confiantes. Eles não se alegram excessivamente na prosperidade nem se deprimem pela adversidade, mas eles estão satisfeitos com o que acontece. Uma vez que eles não têm o hábito de desejar o impossível, eles carregam firmemente os decretos do Destino. Eles são estranhos a todo o prazer ou a bajulação e firmes como soldados do Destino.

É impossível vencer com orações e sacrifícios o que foi estabelecido desde o início."

Com estas poucas considerações termino este breve artigo, que espero tenha servido de reflexão sobre o que é "determinado" e o que é "livre".

Cabe a cada um pensar no porquê escolheu este ou aquele ponto de vista e, se me permitem, observar se a escolha não era inerente e indicada na própria carta de cada um.

Clélia Romano, DMA
agosto de 2014